

ção aos mesmos objetos – nesse caso, os mesmos textos literários –, os resultados são potencialmente mais interessantes do que se uma das duas se apropriasse de certos objetos ou de todos eles.

Essa prática dupla pode criar um espaço intelectual e institucional de interação, capaz de fazer mais pela transformação da organização dos conhecimentos do que a criação de uma superdisciplina chamada EC, que absorveria os EL.

#### IV. Conclusão

Na perspectiva dos EL, esse reposicionamento os veria manter seu interesse principal pela textualidade e pela obra de arte lingüística, seja ela popular ou elitista, de circulação restrita ou de massa, resultante de uma comunidade nacional, cultural, étnica, ou outra. Sendo assim, os EL estariam em condições de auxiliar os EC a adiantar os conhecimentos a respeito desse objeto, a estimular o olhar teórico sobre a mediação lingüística e textual dos fatos culturais.

Em compensação, será necessário que os EL se abram para ouvir o que os textos literários têm a dizer sobre as práticas culturais e sobre suas próprias condições de existência. Será necessário também que eles se interes-

sem pela medialidade da literatura, a fim de reconhecer sua dependência do regime cultural do escrito e do impresso, que hoje vê sua hegemonia contestada pelo regime audiovisual. Finalmente, será necessário que os EL aceitem considerar o texto literário como um texto que depende de um discurso entre outros e que interage ativamente com todo um sistema discursivo, do qual, por outro lado, ele mesmo faz parte.

Na perspectiva dos EC, seria o caso de dialogar com os EL de hoje e não com os de ontem. De renunciar à facilidade de reduzir todos os EL a uma prática idealista, fácil de abater para chegar a objetos e problemáticas axiologicamente superiores ao texto literário. Seria o caso de se interessar pelo que novos enfoques e leituras do texto literário têm a dizer de pertinente para os EC.

Porém, em compensação, os EC exerceriam uma forte pressão sobre os EL para que estes não se fechassem dentro dos parâmetros computáveis do texto literário e fossem obrigados a inscrevê-lo no mais vasto horizonte das práticas discursivas e culturais. Os EL seriam, desse modo, solicitados a imaginar o que tal abertura do campo do objeto nos leva a descobrir quanto às dimensões ideológicas e políticas dos textos literários e de seu estudo. Eles teriam de imaginar seu próprio inconsciente político.

Tradução de Karina Jannini.

# Para uma sociologia do memorial acadêmico

Um fragmento

*Leopoldo Waizbort*

Professor da Universidade de São Paulo

#### Resumo

O texto é um fragmento escrito para o memorial apresentado ao Departamento de Sociologia da FFLCH-USP para concurso de efetivação docente; busca indagar pelos limites da narrativa autobiográfica que vêm à tona nos memoriais acadêmicos.

#### Palavras-chaves

Memorial; sociologia; narrativa autobiográfica.

#### Abstract

The present text is a fragment written for the author's intellectual autobiography submitted to the Sociology Department of the FFLCH-USP, when being evaluated for tenure. It aims at inquiring about the limits of autobiographical narratives which surface in academic autobiographies.

#### Keywords

Academic autobiography; sociology; autobiographical narrative.

De nobis ipsis silemus.

Para o sociólogo, o memorial implica, de imediato, em uma sociologia do memorial.

Escrever um memorial não é, definitivamente, uma tarefa fácil. Mesmo nos limites da sociologia, a grande autobiografia escrita por Herbert Spencer, já há muitos anos, é um marco inaugural em um gênero de excelências e grandes obras. Decerto que o memorial acadêmico não pode postular para si a exclusividade de um gênero; mas situa-se muito próximo de toda a narrativa memorialística e, sobretudo, da autobiografia. Por sua indefinição, ele permite a aproximação com essas formas narrativas, embora, por outro lado, marque uma certa diferença, a ser creditada às exigências contingentes de sua fatura.

O memorial converte o candidato em um narrador de extração distinta da que lhe é usual. Se a escrita e algumas formas narrativas lhe são familiares, em uma vida que consiste também em escrever textos, o texto do memorial impõe suas exigências peculiares e, para muitos dos seus autores mais recentes, é oportunidade para dar curso a pretensões narrati-

vas que, no dia-a-dia da produção científica, ficam recalçadas.

Entretanto, com isto já estamos no próprio âmago da própria história de nossa disciplina (e talvez não apenas dela). A sociologia surgiu em um espaço narrativo entre a literatura e a ciência;<sup>1</sup> ela, em sua pretensão de autonomia, viu-se constrangida a se distinguir da literatura, mas em mesma medida reivindicou para si um espaço próprio que não se confundia de imediato com a ciência estabelecida. Nada exprime melhor do que isto a tensão entre tratado e ensaio na sociologia, que sempre oscilou (e ainda oscila) entre pretensões tratadísticas e ensaísticas.<sup>2</sup> Naturalmente, esta tensão não é livre de conseqüências.

Digamos que a ciência segue a regra "doctrina primus, stilus ultimus" e a literatura, por seu lado, realiza o "stilus primus, doctrina ultimus". Onde está o memorial?

Georg Misch, um autor não de todo distante da sociologia, em virtude de suas ligações com Wilhelm Dilthey, escreveu há quase um século uma gigantesca *História da autobiografia* que, de tão ampla, viu-se condenada ao inacabado. Isto, entretanto, não afeta sua relevância, porque marca a grandeza do gênero narrativo de que nos aproximamos.

A autobiografia é a história do próprio Eu. Ela supõe, assim, um distanciamento considerável e fundamental: o Eu que narra precisa ser capaz de contemplar a sua própria história e desenvolvimento. Isto supõe, claro está, um momento muito avançado no processo de civilização ou, se se quiser, no processo de formação e identidade do Eu, na medida que exige um eu claramente formado e circunscrito, ao qual se pode atribuir um desenvolvi-

mento, história, trajetória, peripécia ou o que quer que seja.

A auto-identidade é sem dúvida um grande problema para os sociólogos. Um primeiro desdobramento da questão é abordar a *identidade do eu*, a *identidade profissional*, a *identidade intelectual*. Identidade do Eu é um tema sociológico clássico e, por essa razão mesma, abordado de formas variadas. Só para citar um desdobramento possível, menciono os trabalhos de Habermas e Kohlberg.<sup>3</sup> A questão da identidade profissional é, também, um tema de investigação sociológica, que remete a uma sociologia das profissões que tem por objeto a própria profissão do sociólogo. Emblemáticas, neste aspecto, são as reflexões de Weber registradas em "Ciência como vocação". Por fim, em relação à identidade intelectual, cabe investigar os nexos de influência e a autonomia intelectual que atam e desatam o narrador, de que ele se incumba e desincumbe.

Um segundo desdobramento da questão é abordar os níveis de identidade a partir dos quais Lepenies propõe tecer uma história da sociologia, a saber: a identidade cognitiva, a identidade social e a identidade histórica. Diz ele: "[Nesta história da sociologia] indaga-se acerca da peculiaridade e coerência das orientações, paradigmas, formulações de problemas e instrumentos de pesquisa sociológicos (identidade cognitiva); são descritos os processos de institucionalização, através dos quais a disciplina tentou se estabilizar no plano organizacional (identidade social); são por fim retomados alguns dos esforços, realizados já há algum tempo, de reconstruir um passado da disciplina, ao qual em princípio todos os membros da comunidade científica da sociologia

podem se remeter (identidade histórica). / A comprovação de uma identidade cognitiva serve, com isso, em primeiro lugar, para distinguir um programa teórico dos programas concorrentes já existentes ou em gestação. A identidade social é alcançada mediante uma estabilização organizatória que garante a sobrevivência na luta pela reputação acadêmica. Finalmente, as pretensões a uma identidade histórica singularizada servem também na distinção das disciplinas concorrentes, mas devem ao mesmo tempo evitar uma diferenciação interna precoce da disciplina."<sup>4</sup> Tudo isto, imagino, são dimensões que devem ser incorporadas, em foco apropriado, na narrativa do memorial. O que demonstra, rapidamente, quão grandes são as suas exigências.

Outro ponto a ser considerado, já que falei em gênero, é o tópico da mistura dos gêneros, que parece ser pertinente no que diz respeito à autobiografia e ao memorial.<sup>5</sup> O que é um memorial, o que o distingue da autobiografia? De uma etnografia de si?

O que deve o memorial acentuar: as continuidades ou as descontinuidades no percurso do professor que se submete ao concurso? As fraturas e as dúvidas com que ele se defrontou e defronta, ou as certezas que ele porventura possui?

Como escrever o memorial: pelo que foi ou pelo que poderia ter sido e não foi? Pelos trabalhos publicados ou pelos não-publicados? Pelos concebidos ou pelos que sequer foram imaginados? Pela inserção profissional ou por sua ausência?

Seria possível escrever meu memorial sem falar da instituição na qual me graduei e tornei-me mestre, doutor e docente, isto é, sem falar das ciências sociais e da sociologia na USP entre 1984-1998? E seria possível tal circunscrição?

O memorial enquanto "autotematização da pessoa", como diz Kohli.<sup>6</sup> Daí a necessidade da etnografia de si, do autodistanciamento; daí a afinidade com a análise, com a auto-análise.

O memorial acadêmico supõe uma injunção de obra e autor, uma injunção que pode ser positivada ou não, potencializada na figura daqueles autores que se escondem por detrás de sua obra e daqueles outros que se utilizam da obra como fundo de sua figura. Mas o que dizer de um autor que não possui obra e, portanto, não é propriamente sequer autor, como é o meu caso?

Se o memorial se limita à apresentação da própria obra daquele que escreve, a pessoa se esconde por detrás de sua obra. Isto tem sua razão de ser e remonta, por exemplo, a Bacon. Quando ele silencia acerca de si, isto significa que ele não aceita uma razão fundada na autoridade daquele que está falando, ele recusa a hierarquia da ordem estamental e da tradição para fundamentar-se na própria razão, que apenas fala através dele. As questões relativas às condições históricas e biográficas da gênese do pensamento (supondo que a obra seja pensamento cristalizado e decantado) são postas de lado, como se não fossem, elas mesmas, parte do pensamento; como se fosse possível pular sobre sua própria sombra. Isto é até possível; supõe apenas que nos tornemos um Peter Schlemihl.

1 Cf. W. Lepenies, *Between Literature and Science: The Rise of Sociology*, Cambridge/Paris, Cambridge University Press/Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1988.

2 Tratei do assunto em *Vamos ler Georg Simmel?*, tese de doutorado, FFLCH-USP, 1996 e, posteriormente, na aula para concurso junto ao Departamento de Sociologia da FFLCH-USP em dezembro de 1997.

3 Tive oportunidade de abordar isto no texto "A vida humana e a maturidade no processo de civilização", lido no Seminário Internacional "Ciência, cientistas e tolerância", Unesco - Universidade de São Paulo, 18-21 nov. 1997 e a ser publicado nos anais do Seminário.

4 W. Lepenies, "Einleitung. Studien zur kognitiven, sozialen und historischen Identität der Soziologie", in W. Lepenies (org.), *Geschichte der Soziologie*, Frankfurt/M., Suhrkamp, 1981, vol. 1, p. I.

5 Caso ainda obscuro diz respeito a "las autobiografias de los arcángeles" (como disse certo narrador argentino), mas sobre isto é necessário aguardar novas notícias.

6 M. Kohli, "Von uns selber schweigen wir." Wissenschaftsgeschichte aus Lebensgeschichten", in W. Lepenies (org.), *Geschichte der Soziologie*, op. cit., vol. 1, p. 428. O texto de Kohli é muito mais presente aqui do que as referências e notas podem atestar.

Como uma narrativa, o memorial joga com ficção e realidade, *res factae e res fictae*.<sup>7</sup> A exigência de se anexar ao memorial os documentos que comprovem o que foi dito enfatiza a necessidade de se imaginar que o que foi dito coincide com a realidade. O leitor de romances é curioso pela vida do autor de romances porque imagina que por detrás da ficção do romance há, em algum lugar, em alguma medida, mesmo que ínfima, mesmo que imperceptível, uma realidade vivida pelo autor, que pode – em que medida, não nos interessa aqui – iluminar, ou obscurecer, a ficção. O memorial joga com uma ilusão muito poderosa, pois pretende dizer que o que se narra é o próprio fato e subentende que a ficção está erradicada de sua narrativa. Mas os leitores de memoriais também não são ingênuos e sabem que o memorial é, de qualquer modo, uma objetivação realizada pelo candidato.

O memorial é ocasião para a fantasia do narrador. Ele pode inventar, se descolar da realidade (qual realidade?) e construir as continuidades e descontinuidades que lhe agradem. Se possuir engenho e arte suficientes, quem garante que não convencerá seus examinadores? Por outro lado, o memorial é oportunidade de construção de tudo o que poderia ter sido, para aqueles inúmeros “ou bien” com que Alain Resnais compôs seus “Smoking/No smoking”. O que, diga-se de passagem, a teoria da literatura já havia explorado, como se pode ver pela seguinte passagem de Jauss: “Se a lógica narrativa, que aqui ainda se move inteiramente no âmbito restrito da poética clássica, deve fazer justiça à contingência da história, então ela poderia seguir o paradigma do romance moderno que, desde Flaubert programaticamente, desmontou a teleologia da fábula épica e desenvolveu técnicas narrativas com a finalidade de reintroduzir o horizonte aberto do futuro na história passada [...]”<sup>8</sup>

Como narrar a história de vida no memorial? De um passado para um futuro? De um presente para um passado? De um futuro para um presente? De um tempo qualquer? De qual tempo? Por exemplo: narrar a história de vida prospectivamente pode se tornar uma comédia de erros; narrá-la retrospectivamente uma lição de coerência. Qual a melhor opção?

O memorial deve se aproximar mais das “memórias” ou das “confissões” daquele que narra? Se, digamos, as “memórias” se apoiam com mais vigor nos acontecimentos do mundo exterior, e as “confissões” se perdem na terra incógnita do mundo interior, como equacionar interior e exterior na narrativa do memorial?

E não deveria ser creditada à especificidade desse tensionamento sua fisionomia singular?

Isto está, decerto, em relação com o conceito de indivíduo de que depende o memorial. Qual haveria de ser ele? O do indivíduo autônomo e soberano, o da personalidade? Ou o do indivíduo como ponto de cruzamento dos círculos sociais? É o indivíduo que suporta as ações, ou são as ações que levam adiante os indivíduos? Para tantas quantas noções de indivíduo a sociologia conseguir prover, haverá ritmos específicos no andamento da narrativa memorialística.

Ao menos é certo que se precisa atentar para as implicações da reconstrução que dá corpo à narrativa do memorial. “[...] toda narrativa (bem-sucedida) precisa cumprir duas funções: aquela da referência, isto é, da relação frente aos eventos narrados, e aquela da valoração, isto é, da relação frente à situação atual do narrar. Assim, uma narrativa não se esgota na descrição de eventos passados; ela precisa também evidenciar para os ouvintes o ‘sentido’ dos eventos relatados. [...] a história nunca é apenas referência ao passado, ela é sempre também uma reconstrução a partir da situação atual [...]”<sup>9</sup>

Outra coisa que também é certa é que todos os gêneros possuem sua história – da epopéia ao romance, do relato científico ao ensaio, e junto a todos o memorial também reclama a sua própria história, a cada vez que é escrito. Isto nos levaria a investigar o desenvolvimento histórico da concepção do memorial e ainda, como um *pendant* não dispensável, rascunhar uma história dos memoriais da FFCL-FFLCH.

O desenvolvimento histórico da autobiografia, que não é de todo estranha ao memorial, sendo mesmo sua parente próxima, sofreu uma inflexão poderosa por volta do final do século XVIII, quando a idéia da verdade daquilo que se narrava passou a ser uma verdade “interior” ou “subjéctiva”, que não estava necessariamente colada à “verdade” “factual” e “exterior” (“objéctiva”).<sup>10</sup>

Isto nos deixa em meio à indagação acerca da pretensão de verdade que o memorial reclama para si, uma pretensão de verdade que é absolutamente distinta da pretensão de verdade do discurso científico.<sup>11</sup> Esta tensão entre pretensões de verdade diversas é especialmente recalcitrante, ou então pungente, no memorial acadêmico.

Esquemáticamente, poder-se-ia dizer que os pólos deste tipo de narrativa são: a construção das coerências ou, no caso mais extremo, a construção da coerência; ou então os acasos, tropeços, contingências e fracassos.

Que concepção de pessoa este memorial – ou aquele outro – põe ou pressupõe? Qual é o Ego que vem aqui à tona? Pois o memorial põe ou pressupõe uma “certa concepção da própria identidade”.<sup>12</sup>

Um outro dilema daquele que escreve um memorial: contar uma história que culmina no “hoje”, que articula o conjunto dos eventos

em uma corrente de sentido que deságua no presente e mostra, assim, uma história de vida enquanto uma “trajetória”, que pode ser “conquente”, “constante”, “plena de sentido”, “radical”. Em contrapartida, o que diríamos daquele que escreve um memorial que não culmina no “hoje” e que pode parecer aos seus leitores – que são de fato examinadores – “sem sentido”, e portanto de menor valor: uma “trajetória”, “labiríntica”, “confusa”, “dispersante”? O que devemos, uma vez mais, construir, isto é, narrar: continuidades ou descontinuidades?

Kohli afirma: “É grande a tentação de fazer a seqüência relatada dos acontecimentos culminar não só temporalmente no hoje, mas também de a interpretar como uma linha inequívoca de desenvolvimento, que desde o início estava apontada, teleologicamente, para o hoje.”<sup>13</sup> Não é isto que faz a felicidade do leitor de memoriais, que se vê defronte a algo que lhe faz lembrar um *Bildungsroman*?

Sem a menor pretensão de ir além de um quadro grosseiro e esquemático, reproduzo, apenas como exemplo, algumas distinções feitas por M. Kohli dos modos como se pode contar uma história de vida:

1. Uma história de vida que é criada autonomamente, algo próximo da idéia de um *self-made-man*.

2. Uma história de vida que é orientada por uma meta, isto é, é mantida pelo sujeito em uma direção determinada e superior, não se deixando levar pelas contingências, sufocando-as em favor da meta determinada.

3. Uma história de vida institucional, no sentido da adaptação às estruturas institucionais dadas, como se deixa ver do modo mais claro em uma história que segue o padrão/modelo de uma “carreira”.

4. Uma história de vida de alguém que está sempre procurando, e por isso muda sempre de direção e tem sempre novas embocaduras.

7 Cf. R. Koselleck, *Vergangene Zukunft*, 2. ed., Frankfurt/M., Suhrkamp, 1991, pp. 278 ss.

8 H. R. Jauss, *Literaturgeschichte als Provokation*, 4. ed., Frankfurt/M., Suhrkamp, 1974, pp. 229-230.

9 M. Kohli, “Von uns selber schweigen wir.” *Wissenschaftsgeschichte aus Lebensgeschichten*, op. cit., pp. 447 e 460.

10 Discuti um pouco do assunto em *Vamos ler Georg Simmel?*, op. cit.

11 Cf. J. Habermas, *Theorie des kommunikativen Handelns*, Frankfurt/M., Suhrkamp, 1987, vol. 1.

12 M. Kohli, “Von uns selber schweigen wir.” *Wissenschaftsgeschichte aus Lebensgeschichten*, op. cit., p. 451.

13 M. Kohli, “Von uns selber schweigen wir.” *Wissenschaftsgeschichte aus Lebensgeschichten*, op. cit., p. 452.

5. Uma história de vida que é um jogo, como se fosse a linha resultante de um paralelogramo de forças exteriores.

6. Uma história de vida auto-reflexiva, que problematiza as possibilidades de continuidade e do eu que conta a história.

É certo que este rol poderia ser ampliado e refinado ao gosto dos leitores. Interessa apenas pontuar a diversidade de embocaduras que se deixam perceber na narração do memorial. Qual é a adequada, a correta, a bela, a enganadora, a instigante, a expressiva, a mentirosa, a reveladora, a secreta...

O sinônimo o mais perfeito para memorial é armadilha. Se ele não narra as continuidades, ele narra, no final das contas, um fracasso. Se o memorial não apresenta as continuidades que

levam ao "sucesso", ele funciona tal qual o *Anton Reiser* frente ao *Bildungsroman*: como um caso difícil de classificar.

Memorial e memória. Eis um parentesco para o qual o famoso dito de Wittgenstein parece fazer sentido.

Por que escrever um memorial suscita mais perguntas do que respostas?

Perguntar pela própria idéia de memorial implica em delimitar um âmbito de problemas que mal sou capaz de revolver, quanto mais resolver. A rigor, não posso escrever um memorial;<sup>14</sup> e por isso só me resta apresentar, como *Ersatz*, um currículo em forma narrativa. (...)

São Paulo, fevereiro de 1998.

## Depoimento

14 "[...] minha terra é pobre demais para produzir as ricas flores que entre elas se acham desabrochadas e que apesar dos maiores esforços não as igualaria jamais." Montaigne, *Ensaíos*, 3. ed., São Paulo, Abril, 1984, p. 192, Col. Os Pensadores.